

Angola e a Suécia – trinta anos de cooperação



Autor: Martin Rosén

Redactor: David Dahmén

Orientação gráfica: Blue media AB

Fotografia: David Dahmén

Produção: Blue media AB

Impressão: Edita Sverige AB, 2006

Número do artigo: SIDA31383es

ISBN 91-586-8255-4

Índice

Um povo, uma nação, um novo mapa!	5
Mais um milagre no Sambizanga	6
No Centro de Ortopedia o trabalho continua	8
Olha, flutuam!	9
Estiveram na primeira turma	10
Goa descansa depois de quarenta anos	11
O projecto que se vê melhor à noite	12
A caça aos “azulinhos”	14
A ligação de pessoas e províncias	15
Ele mudou o trânsito	16
Marcela tecia sonhos	17
Entrevistas	18
Os Grupos África da Suécia apoiam os direitos das mulheres	22
Uma selecção de factos históricos	24

Trinta anos nos bons e maus momentos



No ano passado Angola celebrou o seu 30º aniversário. É também há trinta anos que Angola e a Suécia cooperam. Bem, há ainda mais tempo, se contarmos o período da luta pela independência. No arquivo da Asdi mais de 200 metros de pastas são testemunho de esforços e esperanças. Mais interessante é, sem dúvida, o resultado dos projectos de cooperação para o desenvolvimento de quase 900 milhões de USD (i.e. 5 biliões de SEK). Por isso fomos até Angola averiguar.

As expectativas não eram especialmente grandes. Que vestígios restariam depois de tantos anos de guerra e outros problemas? Ficámos surpreendidos com o que vimos. É certo que encontrámos viaturas abandonadas, destroços de navios encalhados e autocolantes desbotados das instituições envolvidas. Mas também ouvimos depoimentos sobre resultados duradouros que não se podem explicar apenas pela hospitalidade com que o visitante é acolhido em Angola.

Os sectores da saúde e das pescas foram os considerados mais adequados para a cooperação a longo prazo, tendo esta também acabado por englobar a energia, as telecomunicações e outros sectores. A educação permeou a maior parte dos projectos. Falamos aqui de projectos financiados na íntegra ou parcialmente pela Asdi.

A necessidade de quadros suecos tornou-se logo evidente. Ao todo uns 200 médicos, enfermeiros, professores, pescadores e técnicos suecos e as respectivas famílias aprenderam a nova língua e mudaram de ambiente de trabalho por uns anos. Vinham de um país bem organizado com um clima frio e encontraram em Angola calor, uma cultura rica e uma forte confiança no futuro embora no meio de todas as privações. Ficaram com recordações e amigos para o resto da vida.

Os últimos assessores suecos estão a deixar Angola, visto que o último projecto bilateral de longo prazo está a chegar ao fim. As suas casas serão entregues ao Estado angolano conforme acordado. A paz e as receitas petrolíferas criaram as pré-condições para uma troca comercial normal e uma cooperação que poderá assumir outras formas, tais como contribuições para o financiamento de contratos específicos de assistência técnica (KTS), cursos internacionais (ITP), actividades através da ONU, da UE e do Banco Mundial.

Martin Rosén

Mapas de parede pormenorizados de Angola ainda se encontram à venda nas ruas de Luanda.



Um povo, uma nação, um novo mapa!

Após a independência, o Ministério da Educação publicou um novo atlas escolar e novos mapas de parede. O primeiro atlas angolano foi impresso em Estocolmo em 1982, num total de 1 milhão de exemplares, pois era esse o número de alunos no país.

Leif Sjöström, que era o embaixador sueco quando os primeiros exemplares foram entregues ao presidente José Eduardo dos Santos, descreve uma cerimónia de entrega comovente, em que se sentiam os ventos da história. Era como se o novo mapa viesse confirmar definitivamente a identidade do país.

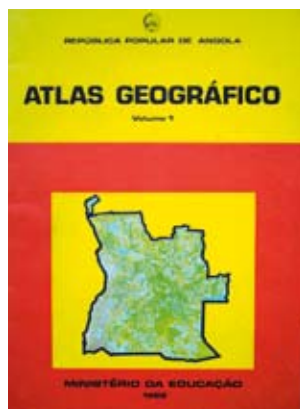
O projecto também incluía um mapa-mundo que foi impresso em meio milhão de exemplares.

Com o atlas, os nomes coloniais, como por exemplo Nova Lisboa (Huambo) e Sá da Bandeira (Lubango), foram relegados para os livros de História.

Os mapas de parede foram enviados em caixas de madeira sólidas de construção especial e Mejt Fagerkvist de Esselte Map Service, agora Liber em Estocolmo, ouviu dizer que estas caixas também tinham funcionado bem como capoeiras.

Muitos destes mapas ainda se encontram pendurados em algumas instituições públicas em Angola, por vezes já desbotados. Mas ainda hoje se podem comprar mapas novos nas ruas de Luanda.

Os atlas impressos na Suécia são também utilizados nas escolas.



Mais um milagre no Sambizanga

Na manhã de 18 de Maio de 2006, Dina Simão Milagre, de 22 anos e natural do Huambo, deu à luz o seu segundo bebé. Uma menina a quem chamou Bernardina. A mãe de Dina esteve presente por precaução. O parto ocorreu no Centro de Saúde Agostinho Neto no Sambizanga. Dina diz que ela e a filha estão bem e que foram bem tratadas.

Este é um dos centros de Luanda, com salas de parto periféricas, que foram construídos com apoio da Asdi. O projecto teve início em 1990 como reacção ao elevado índice de mortalidade materna e aos recursos limitados nos hospitais. Existem actualmente 22 clínicas deste tipo.

O centro no Sambizanga tem pouco mais de 100 empregados e fica numa área com três ou quatro mil habitantes. A directora da clínica, Leopoldina Paulo Francisco, de 47 anos e natural do Kwanza Norte, diz:

“Se a clínica funciona, é graças à cooperação com a Suécia. A Suécia forneceu-nos o recheio, frigoríficos para conservar os medicamentos, geradores para cortes de energia, uma ambulância, etc. A Asdi também apoiou o Ministério da Saúde com a formação de 150 parteiras.”

Desde as primeiras entregas em 1977 de medicamentos, equipamento médico e ambulâncias a Angola os cuidados de saúde têm feito parte da cooperação sueco-angolana, tendo-se nos últimos anos concentrado nos cuidados maternos, formação de parteiras, vacinações e medicamentos básicos.

Entrevista com o Dr. Raul Feio, 60 anos, do Huambo

“A cooperação com a Suécia desempenhou um papel essencial, e pioneiro, no desenvolvimento das capacidades do país



Dina Simão Milagre com a sua bebé recém-nascida.



Dr. Raul Feio.

em áreas importantes dos cuidados de saúde primários. Especialmente nos programas de vacinação e medicamentos básicos, mas também nos serviços de informação na área da saúde e na luta contra doenças endémicas – incluindo as primeiras actividades contra o HIV.”

Palavras do Dr. Raul Feio, que foi durante muitos anos director do Departamento de Planeamento do Ministério da Saúde.

“A Suécia desempenhou um papel importante no desenvolvimento dos quadros de saúde, especialmente de enfermeiras, fornecendo o primeiro impulso para o desenvolvimento de uma formação mais avançada de enfermeiras. Durante esse período, a cooperação incluiu assessores técnicos com grande motivação, que tiveram uma influência positiva nas instituições e na sociedade. Foi de um modo geral um período muito inspirador e enriquecedor, tanto a nível técnico como humano, quer para o pessoal técnico de saúde angolano quer – segundo me parece – para os seus colegas suecos.”



Kristina Snoder trabalhou seis anos em Angola.

Kristina Snoder, 60 anos, enfermeira, de Gotland

Num jardim cheio de flores na tranquila ilha de Gotland, Kristina Snoder folheia o álbum de fotografias da família. Algumas fotos são do Centro de Saúde Agostinho Neto em Luanda, outras mostram a delegação angolana vestida com roupas coloridas no Congresso Internacional de Parteiras em Viena em 2002. Kristina está presente como uma das coordenadoras dos cuidados de saúde materna em Luanda, das quais algumas fizeram o curso de parteiras apoiado pela Asdi.

“Quatro dias por semana visitávamos os centros de saúde num Toyota Landcruiser. Éramos 8 e geralmente chegávamos ao carro depois da hora combinada para a viagem de regresso, mas no caminho começávamos a cantar e ficávamos sempre de bom humor. Cantávamos salmos e ouvíamos cassetes, e eu introduzi a Carola e outros cantores suecos no grupo. Vinhamos de meios muito diferentes, mas tínhamos a mesma profissão, havia no grupo um forte sentimento de afinidade. Às vezes penso que a vida talvez seja feita de momentos como aqueles no carro”, diz Kristina, que também trabalhou com a formação de enfermeiras e como enfermeira para os quadros da Asdi durante os seus seis anos em Angola.

No Centro de Ortopedia o trabalho continua

Uma trintena de pacientes do Kwanza Sul acaba de chegar ao Centro de Ortopedia do bairro Neves Bendinha em Luanda. Por isso, são agora 50 os que lá vivem, 10 mais do que o número de camas da pensão.

“Ficam entre 3 e 5 semanas”, diz Tomaz Catonge, chefe do departamento, natural do Huambo. Tem 40 anos e era técnico ortopédista, quando o centro abriu com instalações renovadas, em 1989. Trabalhavam neste centro, seis engenheiros ortopedistas, e fisioterapeutas tanto suecos como de outras nacionalidades, mais umas 70 pessoas da Cruz Vermelha e do Ministério da Saúde angolanos.

“Recebemos um grande apoio financeiro, técnico, material, moral e social”, diz Tomaz. Tendo em conta os feridos vítimas de minas, esta foi realmente uma boa forma de a Suécia ajudar os seus irmãos e irmãs angolanos.

Franck Rasmussen, coordenador da Cruz Vermelha sueca nos primeiros anos, é da mesma opinião. Franck trabalha actualmente na Asdi, mas diz que nunca teve uma tarefa tão gratificante como esta. “Imagine receber uma pessoa com uma só perna e vê-la partir com duas!”

Nessa altura as próteses eram feitas com madeira local, câmaras-de-ar descartadas e articulações do joelho em alumínio fundidas localmente, tudo para manter os custos baixos. A Cruz Vermelha sueca também enviou muletas, andarilhos, roupas e sapatos recolhidos por associações locais. Reabilitaram-se ao todo 15 000 pacientes durante esses sete anos de apoio sueco.



O Dr. Tomaz Catonge adapta uma prótese ao coto da perna de Esperança.



Esperança experimenta a sua nova “perna”.



Alguns dos 50 barcos de pesca entregues ainda estão em uso.



João Baptista foi capitão do Mar Sol, uma das embarcações de construção sueca.

Olha, flutuam!

Os visitantes suecos sentem-se logo bem-vindos ao chegar ao porto pesqueiro da Ilha de Luanda. Por exemplo, pode acontecer que alguém se aproxime e pergunte se conhecem o Sture. É claro que conhecem o Sture. Sture Hultsbo de Hönö em Bohuslän. Um dos suecos envolvidos no projecto de pesca artesanal que fez parte do apoio ao sector das pescas em Angola.

“Vindo da costa oeste da Suécia, senti-me logo à vontade entre os pescadores de Luanda”, conta Sture.

“Tal como na Suécia, os angolanos percorriam o pontão um pouco mais emproados depois de uma boa pescaria, e promessa feita era

promessa cumprida.”

O apoio incluía redes, anzóis, máquinas de gelo e 30 ca-noas de plástico com motor fora de borda para pescadores sem porto. Também se enviaram 50 barcos de pesca de plástico azuis-claros, de 8,5 metros de comprimento e construídos especialmente para o efeito em Lysekil. Os receptores eram cooperativas de pesca, que foram privatizadas há muito tempo.

Os pescadores sabem bem qual foi o destino dos primeiros trinta barcos. Estimam o número de barcos em condições de navegar entre os 20 e os 25. Alguns naufragaram (nenhuma baixa) e um foi queimado pela Unita em Ambriz.

“Mesmo bons barcos. Fortes e robustos”, diz João Baptista, 55 anos, capitão do Mar Sol, uma das embarcações de construção sueca que contribuiu com muitas toneladas de peixe para as lojas e os mercados de Luanda durante os seus mais de 20 anos de existência.

Estiveram na primeira turma

Em Maio de 2006, Lennart Nyqvist de Grästorps viaja da Suécia a Cacau em Angola para visitar antigos alunos e amigos que fez durante o período em que trabalhou como professor de oficina de mecânica na escola Cefopescas. Acha deprimente que os cinco barcos de construção sueca estejam em terra, ou sejam destroços na praia.

“Se não tivéssemos tido esses barcos, a escola nunca teria funcionado. Eram eles que forneciam comida aos alunos,” diz ele.

Foi no Cefopescas que Lennart, ou Leonardo como lhe chamavam, conheceu Marcos Luís, do Uíge, que agora tem 44 anos e foi um dos seus primeiros alunos. Marcos estudou para electricista de bordo e trabalha agora na escola com chefe de manutenção.

Tudo começou em 1982 numa fábrica de farinha de peixe, que tinha sido abandonada e precisava de ser renovada. Marcos e os outros 50 alunos foram divididos em 5 turmas e tinham professores suecos em engenharia de máquinas, técnica de electricidade e de frio, engenharia naval e navegação, e professores portugueses em inglês, história, geografia, etc. Em 1985 a escola estava preparada para acolher 300 alunos, 25 professores, administradores e técnicos. Havia um complexo habitacional e uma escola sueca.

Segundo Marcos Luís e muitos outros, o Cefopescas era a melhor escola vocacional do país. Para Angola foi uma aposta importante tendo em conta o sector das pescas paralisado e a necessidade de comida.

Quando em 1999, a Asdi terminou o apoio ao sector das pescas, cujo maior investimento tinha sido no Cefopescas, havia mais de 2 000 alunos formados. Mais de metade dos alunos arranhou emprego no sector das pescas. Outros escolheram outros rumos.

António Palhares, actualmente inspector-geral no Ministério das Pescas, era o antigo responsável pela formação vocacional no Ministério e foi durante 4 anos reitor do Cefopescas. Ele diz que a escola funciona, mas com grandes problemas, e que são necessários também grandes investimentos em equipamento novo.

“O apoio sueco foi muito importante para Angola. Em 1975 não tínhamos pescadores, mecânicos, electricistas e técnicos de frio formados. O Cefopescas formou quadros completos que se encontram agora no mercado de trabalho.”



“Produzidos” em Angola. Alunos do Cefopescas que agora trabalham como mecânicos e electricistas na empresa Desco em Luanda.



Leonardo, antigo professor no Cefopescas, encontra-se com Marcos Luís, um dos seus primeiros alunos.



António Palhares, Ministério das Pescas.

Goa descansa depois de quarenta anos

Ao lado da “Doca soviética” flutuante na barra do porto de Luanda está o navio Goa de 40 anos, talvez à espera do seu destino final. Provavelmente já viu os seus melhores dias. Mas durante mais de 10 anos foi a pré-condição para a formação de investigadores pesqueiros, uma componente da cooperação sueco-angolana na área das pescas.

O Goa tem mais de 30 metros de comprimento, foi construído no estaleiro da Sorefame no Lobito em 1966 e tornou-se navio-pesquisa em 1974.

Claro que era necessário ver a quantidade de pesca que a costa aguentava. Nessa altura, os portugueses pescavam em Angola o dobro daquilo que os noruegueses e suecos pescavam juntos nas águas nórdicas, e havia cerca de 60 fábricas de peixe ao longo da costa.

Após a independência, continuava a haver a mesma necessidade, mas o Goa precisava de ser reparado. Depois de reparado e reconstruído, o navio voltou a entrar em serviço em Janeiro de 1984. Desta vez para entregar dados ao laboratório construído no Centro de Investigação Pesqueira (CIP) na Ilha de Luanda. Nils-Olov Karlsson, que trabalhou muito tempo com o Goa, lembra-se de que eram muitas vezes interceptados a caminho do cais por mulheres em pequenos barcos que queriam informações sobre a investigação, especialmente da pesca com redes de arrasto. E é claro que lhes davam as informações que elas lhes pediam.

Victoria de Barros Neto, ministra-adjunta das Pescas, fez muitas viagens no Goa e foi responsável pela avaliação das pesquisas efectuadas ao fundo do mar.

“O Goa foi uma pré-condição para a nossa investigação pesqueira. Gostaríamos de criar um museu para o navio, mas não há fundos hoje. Os primeiros estudos do meio marinho foram efectuados com ajuda sueca. O apoio consistiu em reparações, equipamento e formação de quadros. Foi um projecto muito importante porque nos deu o primeiro núcleo de investigadores pesqueiros e forneceu computadores à instituição.”

A Suécia também contribuiu para o Instituto de Pesca Artesanal e forneceu barcos, redes e outras ferramentas a grupos vulneráveis de pescadores, o que também beneficiou o mercado. Além disso, a Suécia apoiou a criação de cooperativas.

“Contudo, o mais importante foi o Cefopescas, quer através da construção da própria escola quer da formação, que ainda contribui muito para a competência no mercado privado.”



Victoria de Barros, ministra-adjunta das Pescas.

O projecto que se vê melhor à noite

A electrificação de Luanda é um projecto talvez com um cariz mais discreto, se o considerarmos de dia, pois funciona melhor à noite. Trata-se pois, de uns mil postes de luz suecos, que foram montados para tornar a cidade mais segura à noite e reduzir os acidentes de viação.

Outros monumentos da cooperação sueco-angolana, na área da energia em Luanda, são mais de duas mil caixas de distribuição grandes e pequenas, da firma Cewe em Nyköping. As caixas estão ligadas por quase 200 km de cabos subterrâneos.

“Para além de Luanda também electrificámos o bairro Mabor com mais de mil agregados familiares que não tinham acesso a electricidade”, conta Domingos António, EDEL, que participou no projecto.

“Agora têm iluminação pública e podem também ser clientes particulares.”

Hoje Domingo é chefe de departamento (terceiro chefe) na EDEL, em Cassenga.

“Ganhámos muita experiência com esses projectos, e a maioria dos trabalhadores que participaram neles subiu de categoria, e hoje ocupa cargos de responsabilidade na EDEL”, diz Domingos.

“Eu próprio sou um deles. Também nos ajudaram a tirar a carta de condução, que é essencial para este trabalho.”

A ENE, a EDEL e a empresa sueca Transelectric deram início aos projectos em 1991. Durante esses 9 anos empregaram cerca de 120 angolanos, muitos dos quais eram desempregados ou soldados desmobilizados. Os empregados fizeram cursos tanto em Angola como na Suécia.

“Eu próprio beneficiei de um curso desses”, diz José Marinho, agora chefe administrativo na ENE de Gestão de Energia Eléctrica. Foi um curso de seis semanas em Estocolmo, Västerås e outras cidades.

O maior projecto no âmbito da cooperação na área da energia, avaliado em 150 milhões de coroas, foi a electri-



José Marinho, Administrador, ENE.



Um auto-colante num camião usado por Edel Sonefe Transelectric.



Domingos António, EDEL, verifica uma caixa de distribuição da marca Ceve na Rua Destavez no Bairro Volodia.

cação da região dos Dembos com a linha de transmissão da barra-gem. Beneficiou 90 000 habitantes. O projecto foi inaugurado pela ministra da Cooperação Lena Hjelm-Wallén, que viajou de helicóptero de Luanda para Quibaxe. Entre os gritos de alegria a ministra carregou num botão e acendeu uma lâmpada simbólica. Ainda se lembra da recepção calorosa que teve, da deliciosa comida tradicional e da festa alegre que se seguiu.

Todavia, no dia seguinte, a 6 de Setembro de 1987, a alegria transformou-se em tristeza. Três suecos

foram raptados num ataque contra um comboio sob escolta militar a caminho de Quibaxe para Luanda. Um deles, Göran Larsson, sucumbiu aos ferimentos. Lena Hjelm-Wallén assistiu ao funeral na Suécia. Os outros dois, Kent Andersson e Gunnar Sjöberg, chegaram à Jamba depois de 63 dias a pé, e 4 de carro. Para a sua libertação, a Unita exigiu a visita de um dignitário do Governo sueco à Jamba. A pessoa enviada foi Annie Marie Sundbom, que continua a trabalhar no MIREX da Suécia.

A cooperação na área da energia também incluiu turbinas de gás suecas para Cabinda e o Huambo, e a formação de técnicos para operá-las. A turbina, na capital da província Huambo, foi vital para abastecer electricidade à cidade durante o cerco, quando as linhas foram cortadas. Quando a turbina se avariou, foi transportada para a Suécia para ser reparada, tendo voltado a ser instalada no Huambo com apoio sueco. O combustível também tinha de ser transportado de avião até ao Huambo num DC 8 convertido que também transportava gasolina!

A caça aos “azulinhos”

Há 18 anos chegaram a Luanda 24 motorizadas suecas, da marca Monark, munidas de plataforma dianteira para transporte de mercadorias. Tinham três rodas e uma caixa de ferramentas azul da telecom entre as rodas dianteiras. Tudo o que era necessário para manter a rede de telecomunicações em boas condições.

É naturalmente de interesse histórico saber se estes estranhos elementos conseguiram sobreviver ao trânsito de Luanda durante todos esses anos. Segundo rumores persistentes, pelo menos um desses “azulinhos” foi visto na cidade há pouco tempo.

As investigações levam-nos ao armazém da Angola Telecom na Estrada da Cuca, perto da fábrica de madeira Panga-Panga. Ali encontramos com José Amaral de 39 anos, outrora coordenador do CRILA, que posteriormente se encarregou das brigadas das motorizadas do projecto com um total de 24 teletécnicos.

José é hoje o chefe da divisão da rede de assinantes, que instala e faz a manutenção da rede de assinantes. No seu gabinete há ainda um pequeno bibelô já desbotado com uma bandeira sueca e uma angolana. Ele mostra-nos o armazém, onde se encontram caixas de papelão marcadas Ericsson e ferramentas cor-de-laranja que a Telia costuma usar.

“As motorizadas foram muito úteis”, diz José Amaral. “Ajudaram-nos a reabilitar a rede e também a alargá-la a novas áreas.”

A cooperação sueco-angolana na área das telecomunicações teve início em 1988 e resultou na instalação de novas redes praticamente em todos os prédios de Luanda.

António Pedro Benge, o Director do Gabinete de Intercâmbio Internacional no Ministério dos Correios e Telecomunicações, tem uma atitude positiva face à cooperação com os suecos.

“A cooperação com a Suécia deu-nos o melhor apoio que tivemos, visto que não só fez com que os aparelhos funcionassem como também a organização. Não só prestou um bom apoio ao operador, como também nos permitiu formular uma política sustentável para desenvolver o sector das telecomunicações.”



José Amaral, de Luanda, 39 anos, e Evaristo Tendele, 46 anos, do Huambo, fizeram ambos cursos na Suécia.



Equipamento da Telia Sonera sueca – facilmente reconhecido pela sua cor-de-laranja.



Ponte sobre o Rio Cuzo, Kwanza Norte.

A ligação de pessoas e províncias

A Agência Sueca de Serviços de Salvamento (sigla em inglês, SRSA) começou a construir pontes e a reparar estradas em Angola após a assinatura do acordo de paz, entre o MPLA e a Unita, em Lusaca em 1994. Nenhuma das capitais de província era acessível por via terrestre, tendo-se chegado a transportar mais remessas de ajuda por via aérea, do que durante o Bloqueio de Berlim. Ao todo, a SRSA construiu mais de 70 pontes e abriu cerca de dois mil quilómetros de estradas em 14 províncias.

“Um problema com a construção das pontes é a logística”, diz Louis Anderson, SRSA. As estradas encontram-se muitas vezes em mau estado, e o material para a construção de pontes é pesado e difícil de transportar, o que desgasta as viaturas. Outro problema são as minas. As estradas e as zonas à volta dos encontros de ponte têm de ser desminadas antes de se iniciar a construção. Por isso, desde 1995 a Asdi apoia o programa de desminagem de Norsk Folkehjelp, que já desminou grandes áreas.

A SRSA, que antigamente se chamava Swedrelief e faz parte dos serviços de emergência em caso de calamidades naturais, realizou estes trabalhos em estreita cooperação com o INEA e a ENP. Entre os financiadores figuram a Asdi, UE, ONU e o Governo angolano. Após a independência, em 1977, a Asdi contribuiu com pontes Bailey para substituir algumas pontes destruídas nos combates.

Ele mudou o trânsito

Rafael Costa, 48 anos, de Malanje, é professor na escola de condução de maximbombos da empresa pública TCUL, que opera o trânsito em Luanda com 270 maximbombos, a maior parte da marca Volvo. Alguns deles circulam desde 1980, ou seja há 26 anos.

Não é pura coincidência. Tudo começou em 1988 quando Rafael Costa fez um curso de mecânica de seis meses na Base Cassenga, com apoio da Asdi. Aqui descobriu uma ligação entre o número de idas à oficina e a maneira de conduzir nas estradas. Quando acabou o curso propôs também um curso na arte de conduzir maximbombos.

A gerência também achou que era uma boa ideia, tal como a Asdi, que decidiu apoiar esse curso.

“Aprendemos as regras de trânsito e “condução defensiva”, que significa conduzir com cuidado. As pessoas começaram a elogiar a nossa conduta e outras empresas começaram a recorrer à nossa formação. Depois tudo mudou. Já formámos mais de 3000 condutores, o que afectou todo o ambiente de trânsito”, diz Rafael Costa.

A Suécia apoiou estes cursos durante 10 anos e prestou também durante muitos anos apoio à importação de peças sobressalentes para maximbombos e camiões. Até 1988, estimava-se em 8 mil o número de camiões suecos comprados por Angola – muitos com apoio de créditos suecos para o desenvolvimento – que ainda hoje dominam o mercado.



Rafael Costa gosta do seu posto de instrutor de condução na TCUL.



Marcela Costa é uma artista consagrada.

Marcela tecia sonhos

Quando Angola se tornou independente, Marcela Costa passou a ser professora e reitora da Escola de Belas Artes, no Barracão. Um dia chegou um grupo da Escola Superior de Belas Artes sueca. O grupo realizou seminários sobre cor e forma, e Marcela e outros professores foram convidados a participar em cursos na Suécia. Seguiram-se alguns anos de contactos estreitos. Tão estreitos que Marcela chamou a um dos seus 5 filhos, uma menina, Ulla, que era o nome da mãe de um dos seus colegas suecos.

“Os suecos só nos ensinaram a técnica e não o *design* do trabalho, contribuindo desse modo para o desenvolvimento da cultura angolana, que fora reprimida durante muitos anos. A Suécia foi para mim um milagre. Foram o carinho e a atenção com que me receberam que me deram força para lutar pelas minhas ideias.”

O sonho de Marcela tornou-se realidade na forma da Galeria Celamar. Nesta galeria, há um *atelier*, escritórios, um bar e instalações para *workshops*, reunidos em torno de um recinto aberto com palmeiras e outras plantas. Numa sala há um tear sueco de Glimåkra, que Marcela

comprou barato a suecos que estavam de regresso à Suécia. Segundo Marcela, foram 12 anos a trabalhar arduamente ao tear que financiaram as construções.

O intercâmbio cultural foi uma fatia menor da cooperação sueca. Porém, levou a um certo apoio à associação de escritores angolanos e a uma visita guiada e muito apreciada dos grupos Kituxi, Kilandukilu e Internacional Merengue pela Suécia. Trouxe ainda a Luanda, a visita de um grupo sueco com a coreógrafa Lena Josefsson. O cantor e compositor Mamboro também visitou a Suécia.

Entrevistas

Carin Norberg, de Estocolmo, a primeira funcionária da Asdi na Embaixada em Luanda, 1977 – 1979.

“Recebíamos pão quase todos os dias”

“Éramos mais de 20 suecos em Luanda. Nós da Embaixada, os que trabalhavam para a Volvo, os Grupos África, e mais alguns. No início, a Embaixada recebia uma ração de pão quase todos os dias da Loja do Povo, e às vezes carne e galinha. Mas nós também saíamos para comprar galinha e peixe.

Na Asdi, continuávamos com o apoio na área da saúde que tínhamos prestado ao MPLA, e apostávamos depois nas pescas e nas infra-estruturas, através da construção de pontes para substituir as destruídas durante a guerra.

Prestávamos também apoio humanitário aos refugiados de Katingala. Também trabalhei com o apoio ao ANC e à Swapo.

Apesar das dificuldades havia um forte optimismo no país. Todos sabiam que havia riquezas. Pessoalmente sentia uma forte proximidade com os angolanos. Por isso, a tentativa de golpe a 27 de Maio de 1977 afectou-nos muito, pois muitos daqueles que tínhamos conhecido em Lusaca e Luanda foram assassinados. Entre eles o ministro das Finanças Saidi Mingas, que tinha sido representante do MPLA em Estocolmo, e Garcia Neto o responsável pela Cooperação no MIREX. Aliás, o nome da rua em que a embaixada da Suécia se situa em Luanda.”



Carin Norberg. O livro na foto: Vamos escrever, desenhar e pintar, 1978, Eugénia Neto. Editado pelo INALD, Instituto Nacional do Livro e do Disco.

Fernando Pacheco, do Kwanza Sul, um dos fundadores da ADRA.

“A nossa visita à Suécia ainda caracteriza o nosso trabalho”

“A minha simpatia pela Suécia despertou ainda antes da independência. Eu trabalhava na altura para dois portugueses no Kwanza Sul, e calhou ouvi-los falar entre si, desse país no norte que apoiava “os terroristas” do MPLA.

Em 1988 pedi ajuda à Embaixada da Suécia para financiar uma visita para mim e dois compatriotas à Aliança Cooperativa Internacional em Estocolmo. Ainda estamos os três ligados ao trabalho cooperativo.



Fernando Pacheco trabalhou com a ADRA.



Paulo Jorge, ex-ministro das Relações Exteriores.

Quando iniciámos a ADRA em 1990, contactos informais levaram a que a Asdi financiasse um ou outro *workshop*, e outras coisas mais pequenas. Em 1994, com a ajuda do GAS conseguimos apoio para o nosso primeiro projecto. Tratava-se de ajuda a deslocados em Benguela, para que pudessem produzir a sua própria comida. Havia pessoas quase a morrer de fome. Agora 12 anos depois, existem 13 organizações locais e autónomas que cooperam com o governo provincial em questões de agricultura, educação, gado e pescas. A ADRA tem também projectos em Malanje, Lombe e Quela, e mantém diálogo com associações semelhantes noutras regiões. Temos hoje o reconhecimento das autoridades, e influência sobre políticas, o que é um êxito para a democracia no país.”

Paulo Jorge, de Benguela, ex-ministro das Relações Exteriores de Angola.

“Aprendi o que solidariedade pode significar”

O meu primeiro contacto com a Suécia foi durante a luta de libertação. Como movimento de libertação, o MPLA mantinha contacto com o GAS, e nesse âmbito estivemos na Suécia para informar sobre a nossa luta, e naturalmente também para solicitar o apoio da Suécia e do Partido Social-Democrata. Depois tivemos contacto directo com o primeiro-ministro Olof Palme.

Após a independência, quando fui ministro das Relações Exteriores, uma das minhas primeiras visitas foi à Suécia, em Novembro de 1975. Dois anos depois, efectuei a minha primeira visita oficial a Estocolmo, altura em que eu e o ministro da Cooperação Ola Ullsten assinámos o nosso primeiro acordo de cooperação bilateral. Aliás, com o acordo estabeleceu-se um princípio que ainda hoje é válido – os carros de serviço dos deputados são da marca Volvo. Os muitos camiões e maxibombos das marcas Volvo e Scania nas nossas estradas são também uma consequência desse acordo.

A Suécia apoiou-nos quer no âmbito dos sectores técnico e social quer a nível diplomático na ONU, e noutras organizações internacionais, ainda antes da independência. Através desta cooperação aprendi o que solidariedade pode significar.

A Suécia apoiou-nos quer no âmbito dos sectores técnico e social quer a nível diplomático na ONU, e noutras organizações internacionais, ainda antes da independência. Através desta cooperação aprendi o que solidariedade pode significar.

Ainda hoje as relações entre os nossos países são boas e estreitas. Agora temos paz e o Governo está a implementar o seu programa para o desenvolvimento social. Dentro do MPLA mantemos os contactos com o Partido Social-Democrata, embora não compreendamos por que razão têm de realizar os seus congressos no Inverno, quando faz tanto frio!”

Miguel Kiame, AutoSueco, do Uíge. Director pedagógico no Cefopescas 1988 – 1994.

“Estas marcas não desaparecerão”

“Beneficiei muito da cooperação com os suecos no Cefopescas e aprendi muita coisa de que me sirvo hoje no meu trabalho como director na AutoSueco em Luanda. Trata-se por exemplo: da precisão no trabalho, pontualidade e métodos para planear e controlar o trabalho. Também tive os meus primeiros contactos com a tecnologia de informação (TI).

Nunca tive problemas com os suecos, surgiram alguns mal-entendidos linguísticos que conseguimos resolver.

A cooperação com a Suécia significou muito para Angola. São muitos os frutos. Os projectos no Cefopescas e noutras instituições, e no âmbito do sector da saúde, deixaram marcas que não desaparecerão. Além disso, restam os quadros formados como resultado dessa cooperação, que dão uma grande contribuição para o desenvolvimento do nosso país.”

Sten Rylander, de Uppsala, embaixador em Angola 1985 – 1988.

“Tinha orgulho em representar a Suécia”

“Quando estive em Angola, o país ainda era palco e vítima do conflito bipolar entre duas superpotências. Sentia que naquela situação podíamos desempenhar um papel específico como parceiro internacional que defendia os interesses das pequenas nações. Demos contributos humanitários importantes, através do sistema da ONU, do ICRC e de outras organizações, e no âmbito dos cuidados de saúde, dos sectores das pescas e da energia numa situação de emergência, em que havia poucos outros actores bilaterais da cooperação. Tinha orgulho em representar a Suécia em Angola.

Os nossos projectos de cooperação significaram muito para a visão que tinham da Suécia. Criou-se uma base estável para



Miguel Kiame, Director da AutoSueco.



O Embaixador Sten Rylander tinha orgulho em representar a Suécia em Angola.

Foto: Pavel Flato

relações bilaterais de outra natureza – quanto mais não seja comercial – numa era de paz e maior crença no futuro. Ouvi muitos dirigentes angolanos dizerem que querem retribuir o que a Suécia e as empresas suecas fizeram durante a luta de libertação e durante as primeiras décadas difíceis após a independência.

Uma das minhas recordações mais fortes do período em Angola foi a noite em que Olof Palme foi assassinado, a 28 de Fevereiro de 1986, que aliás é o dia do meu aniversário. Acordei por volta das 5 da manhã com pancadas na porta. Eram angolanos desesperados, e a chorar, que queriam expressar a sua dor pela morte do nosso primeiro-ministro.”

Paulo Tjipilica, Provedor de Justiça, ex-ministro da Justiça, de Benguela

“A Suécia contribuiu para a democracia e o Estado de direito”



Paulo Tjipilica, Provedor de Justiça.

“O meu primeiro contacto com a Suécia foi em 1996, quando participei como ministro da Justiça no congresso de ECPAT (Exploração Comercial e Sexual de Crianças) em Estocolmo. Encontrei-me então com representantes do Governo sueco e da Asdi, o que resultou em apoio para dois projectos.

Um, através do Banco Mundial, tinha como objectivo a formação de magistrados em Portugal e apoio à biblioteca do Ministério que contribuiu para fortalecer a democracia e o Estado de direito, pois tal pressupõe tribunais com magistrados qualificados. Muitos desses magistrados são agora juízes e professores catedráticos.

O outro projecto, através da Unicef, apoiou no registo de crianças e jovens primariamente para os meninos de rua de Luanda. Mais tarde estas crianças foram encaminhadas para instituições de apoio.

Quando em 2005, fui convidado à Suécia como o recém-nomeado Provedor de Justiça, tive uma recepção muito calorosa. Foi também muito interessante descobrir a existência de outros provedores, por exemplo o Ombudsman da criança e contra a discriminação com base na orientação sexual.”



Muitas mulheres à espera de uma visita ao Centro de Direitos da Mulher da OMA.

Os Grupos África da Suécia apoiam os direitos das mulheres

A fila à porta do Centro de Direitos da Mulher, na Vila Alice em Luanda, é longa neste dia de Maio de 2006. Numa sala, estão a conselheira Maria Gourgel, de Luanda, e a jurista Laurinda de Barros, do Kwanza Sul, a conversar com Rita, de 40 anos e mãe de sete filhos, da província do Bengo. Rita trabalha como vendedora e veio solicitar ajuda porque o marido não ajuda com os filhos. Este foi chamado ao Centro para contar a sua versão e explica-se com gestos largos.

Noutra sala, está a estudante de Direito Paula Menezes, Luanda, 25 anos, a conversar com Florinda, 34 anos e mãe de dois filhos, do Huambo, que trabalha como empregada doméstica e cujo marido não contribui para a casa. Ela quer o divórcio.

“Muitas vezes, trata-se de violência dos homens contra as mulheres”, conta Eulália Rocha, responsável pelo Centro. Também podem ser litígios por herança, e o direito à casa depois de um divórcio. Às vezes é suficiente uma conversa, outras vezes o Centro ajuda a levar o caso a tribunal.

O GAS tinha representantes em Angola já antes da independência e ajudou a sensibilizar a opinião que posteriormente conduziu a enormes contribuições suecas para o desenvolvi-



A OMA é um dos parceiros mais antigos do GAS.

mento. Muitas destas contribuições têm por objectivo fortalecer a situação das mulheres.

“A OMA é um dos nossos parceiros de cooperação mais antigos”, diz Hillevi Nilsson, GAS, que fazia parte do grupo de três, que visitou zonas controladas pelo MPLA no Moxico, em 1971.

Hoje as actividades do GAS incluem uma série de projectos apoiados pela Asdi no país em cooperação com uma dezena de ONGs angolanas.

Grande parte das actividades decorre nas províncias, onde chegam a 160 000 angolanos. Os projectos apoiados pela Asdi são orientados primariamente para o desenvolvimento rural, e apoio à organização e formação. Um elemento importante são cursos em democracia ministrados a nível dos escalões de base, em que se conta com a participação das autoridades locais. O principal parceiro do GAS neste trabalho é a ADRA, em conjunto com uma série de organizações congéneres em Malanje, Moxico e Benguela.

A Asdi também apoia ONGs de outros países como Norsk Folkehjälp (NPA, desminagem), Médicos Sem Fronteiras que receberam apoio para projectos de saúde no Luena e no Kuito, e o Comité Internacional da Cruz Vermelha (ICRC), que recentemente distribuiu kits de sobrevivência a 140 000 pessoas no Huambo, distribuiu géneros alimentares, e prestou apoio a 300 000 pessoas para poderem começar as suas próprias colheitas.



Os serviços de aconselhamento constituem uma parte importante do trabalho da OMA.



O antigo primeiro-ministro sueco Olof Palme encontra-se com o líder do MPLA Agostinho Neto.

Uma selecção de factos históricos

Depois de uma reunião em Estocolmo, em Julho de 1970, entre o líder do MPLA Agostinho Neto e o primeiro-ministro Olof Palme, dá-se início ao apoio humanitário ao MPLA, incluindo à escola do MPLA, na República Popular do Congo. O apoio continua até à independência a 11 de Novembro de 1975. Já nessa altura os Grupos Africa da Suécia, GAS, têm cinco pessoas em Angola, em contacto com o MPLA e posteriormente com o Governo. A Suécia prepara uma representação sueca em Angola através da Embaixada na Zâmbia.

1976. Em Janeiro, o ministro das Relações Exteriores José Eduardo dos Santos visita Estocolmo. A 18 de Fevereiro, a Suécia reconhece Angola e abre embaixada no mês de Outubro. Início do apoio sueco com a compra de géneros alimentares, viaturas, material escolar, equipamento médico, ambulâncias, barcos de travessia e pontes flutuantes, etc. A Swapo abre escritório em Luanda, tal como o ANC que muda grande parte da sua formação militar para Angola.

1977. Em Fevereiro, a Asdi abre o gabinete de cooperação na Embaixada. O ministro da Cooperação Ola Ullsten e o director-geral da Asdi Ernst Michanek visitam Angola. Durante seis semanas, um avião Hercules da Força Aérea sueca cria uma ponte aérea com artigos de primeira necessidade de Luanda para refugiados na Lunda Norte. O líder da Unita Savimbi afirma na televisão britânica que o avião transporta tropas do Governo e ameaça “liquidá-lo”.

1978. A Swapo muda refugiados da Zâmbia para Angola.

1979. A Suécia e Angola assinam um acordo de cooperação a longo prazo e cooperação aprofundada no âmbito das pescas e da saúde. A Swapo muda a sua sede no exílio, de Lusaca para Luanda. A Suécia inicia apoio maciço à reconstrução do acampamento da Swapo no Kwanza Sul, onde o GAS também tem quadros.

1980. A Federação de Esquerda das Mulheres Suecas inicia a cooperação com o GAS e a OMA.

1981. Início do apoio sueco ao programa de investigação pesqueira no Centro de Investigação Pesqueira. Fornecimento de turbinas de gás da marca Asea a Cabinda e ao Huambo.

1982. Uso de parte das instalações do Cefopescas em Cacuaco com 6 professores suecos e 50 alunos em instalações temporárias. Entrega de 50 barcos de pesca “Mölnlycke” de Lysekil para a pesca costeira. Esselte imprime o Atlas Geográfico com apoio da Asdi.

1983. O apoio à saúde concentra-se no combate ao paludismo/malária, tuberculose, doença do sono e no fornecimento de medicamentos básicos. Também na formação de enfermeiras com assistência técnica extensiva. Lançamento do apoio à importação de peças sobressalentes para camiões e maxibombos da Volvo e da Scania e créditos para o desenvolvimento para viaturas.

1984. Início da electrificação da região dos Dembos.

1985. O Cefopescas em Cacuaco pode ser usado na íntegra com capacidade máxima para 300 alunos – com 26 assessores suecos, 1 escola sueca e 120 professores e funcionários angolanos.



O “campo sueco” no Miramar.

1986. Inauguração da nova Embaixada da Suécia no Miramar, mais um complexo com cerca de vinte unidades habitacionais para assessores suecos, e uma escola sueca (a de Cacuaco é extinta). A Swedec inicia operações na oficina de viaturas da Swapo em Viana. O GAS celebra um acordo de cooperação com o Governo angolano. Início do programa de medicamentos básicos

– os fornecimentos suecos constituem a base do sistema de abastecimento de medicamentos da nação.

1987. A ministra da Cooperação Lena Hjelm-Wallén inaugura a fábrica de electrificação nos Dembos. A Unita rapta três suecos, um dos quais morre. Assistência de emergência extensiva, incluindo material para a manufactura de alfaías agrícolas e outros artigos.

1988. A Swedtel inicia operações em Luanda.

1989. Privatização dos barcos de pesca. A Cruz Vermelha sueca abre o seu Centro de Ortopedia em Luanda. Extinção do acampamento da Swapo no Kwanza Sul em Agosto.

1990. Início do apoio ao programa de cuidados maternos em Luanda através da criação de salas de parto periféricas.

1991. A Swedtel inicia “cooperação a longo prazo”. A Trans-electric inicia os trabalhos de electrificação em Luanda. Prédio da Maianga pronto com 25 apartamentos para assessores suecos. Apoio à operação, reparação e manutenção das turbinas de gás em Cabinda, Huambo e Luanda.

1992. Reinício da guerra após as eleições. Os funcionários suecos são evacuados, a residência do embaixador é vandalizada. O GAS inicia cooperação com a ADRA.

1993. O apoio à saúde concentra-se nos cuidados maternos em Luanda.

1994. Apoio para a renovação de turbinas de gás em Luanda. A Swedtel opera em Luanda. A Swedrelief (posteriormente Agência Sueca de Serviços de Salvamento, SRSA) inicia a construção de pontes e estradas.

1995. A empresa sueca de consultoria Indevlop é contratada para o apoio à saúde.

1996. Transferência do apoio ao Centro de Ortopedia do Ministério da Saúde em Neves Bendinha em Luanda da Cruz Vermelha sueca para a Cruz Vermelha Internacional (ICRC).

1998. Conclusão de programas no âmbito das telecomunicações e energia. Início do primeiro curso de parteiras em Luanda com apoio da Asdi. A Asdi inicia actividades em Malanje com projectos agrícolas, de estruturas sociais e apoio aos deslocados. Devido à guerra este programa é extinto no ano seguinte, mas o apoio aos deslocados é canalizado através de um programa comum ADRA/GAS em Malanje.

1999. Conclusão do apoio às pescas após 20 anos.

2000. Formação das primeiras 24 parteiras, início do segundo curso.

2001. Onze salas de parto periféricas prontas em Luanda no âmbito do programa de cuidados maternos.

2002. Celebração do acordo de paz entre o Governo e a Unita



Mulheres à espera de um check-up no Centro de Saúde Agostinho Neto.

a 4 de Abril. Extinção da escola sueca em Luanda.

2003. Uma segunda fase do programa de Malanje ADRA/GAS dá mais apoio financeiro sueco à repatriação e estabilização dos deslocados.

2004. A ministra sueca das Infra-Estruturas Ulrika Messing visita Angola.

2005. 22 salas de parto periféricas prontas em Luanda no âmbito do programa de cuidados maternos.

2006. Início do 6º e último curso para parteiras com apoio da Asdi em Luanda. Extinção do apoio à saúde e consequentemente da assistência técnica. Os complexos habitacionais no Miramar e na Maianga com um total de cerca de 50 unidades habitacionais são entregues ao Estado angolano conforme acordado. Desde 1975 a cooperação bilateral para o desenvolvimento com Angola perfeitou cerca de 4,24 biliões de SEK, i.e. cerca de 900 milhões de USD. Este montante não inclui programas regionais suecos que cubram vários países nem projectos financiados por órgãos da ONU, pela UE e pelo Banco Mundial.

Martin Rosén, que escreveu o texto desta publicação, faleceu em Agosto de 2006, logo depois de ter finalizado o material. Durante a sua carreira Rosén trabalhou vários anos em Angola, um país pelo qual desenvolveu uma amor especial e onde também fez muitos amigos.

A redução da pobreza a metade até 2005 é um dos maiores desafios do nosso tempo e requer cooperação e sustentabilidade. Os países de cooperação são responsáveis pelo seu próprio desenvolvimento. A Asdi fornece recursos e desenvolve conhecimentos e capacidades/competência tornando o mundo um lugar mais rico.



AGÊNCIA SUECA DE COOPERAÇÃO
INTERNACIONAL PARA O DESENVOLVIMENTO
SE-105 25 Estocolmo, Suécia
Telefone: +46 (0)8 698 50 00
Fax: + 46 (0)8 20 88 64
sida@sida.se, www.asdi.org